

## EDITORIAL

Esse número é especialmente dedicado aos trabalhos sobre a temática dos movimentos sociais agrários. Ele é composto não apenas de estudos referidos ao caso brasileiro, mas também de exemplos situados na América Latina.

Começamos com o trabalho de Regiane Cordeiro Souza, intitulado “O Debate sobre a questão agrária no governo de João Goulart: diferentes projetos reformistas”. Nele, a autora analisa as quatro principais correntes de pensamento que participaram das discussões sobre a referida questão: a reformista moderada, a reformista radical, a modernizante-conservadora e a antirreformista.

Ana Pohlenz de Tavira nos oferece o artigo “ Movimiento indígena y campesino por la defensa del agua y el territorio: la Marcha por el agua y la Madre tierra en Guatemala en abril de 2016” em que pretende esclarecer como o movimento pela defesa da água como um bem comum desde o começo do século XXI nos países da maioria indígena da América Latina. Procura entender também se tais iniciativas fazem parte das lutas pelo território.

Vanderlei Vazelesk Ribeiro no seu artigo intitulado “Terra e Humanidade: Hugo Blanco – da luta pela reforma agrária à defesa da espécie humana” analisa a atuação do dirigente camponês Hugo Blanco que, desde a década de 50, milita em movimentos camponeses no Peru, tendo também importante participação, tanto nos círculos trotskistas internacionais, como nos atuais movimiento indígenas e ambientalistas. O autor avalia, conseqüentemente, a sua luta nos anos 60, os anos de prisão, exílio e volta ao Peru, assim como, a sua atuação ao longo da década de 80, o novo exílio e sua identificação com questões indígenas e ambientais desde o fim do século XX.

Inti Cartuche Vacacela estuda em seu trabalho, “De la plurinacionalidad del Estado a los gobiernos comunitarios”, a plurinacionalidade como projeto político

do movimento indígena equatoriano a partir do levantamento de 1990. Neste artigo o foco recai sobre a transição em linhas gerais ligando as demandas do movimento indígena às respostas e políticas estatais no Equador.

Temos também, fechando o dossiê, o artigo de Diego Domínguez, “Actualidad del campesinado y los pueblos originarios en Argentina: entre el reconocimiento estatal y la territorialidad disidente”, que estuda a ascensão das lutas indígenas e camponesas pelo acesso à terra e controle de bens naturais, atentando para as territorialidades configuradas.

Abrindo a seção temática livre temos o artigo de Rafael de Figueiredo Lopes, “Cinema selvagem: clichés sobre a Amazônia e estereótipos indígenas”, no qual propõe “uma reflexão sobre aspectos que tangem ao reforço de clichês sobre a Amazônia e estereótipos indígenas no cinema. O objetivo é compreender a construção histórica dessa tendência e mapear filmes caracterizados pelo exotismo”.

A seguir podemos ler o pequeno artigo de Victor Almeida Gama, que “procura apontar o papel da Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, no panorama das questões agrárias na América latina entre as décadas de 1960 a 1990 quando sua atuação publica começa a sofrer uma alteração temática”. O autor, que é historiador, examina “sobretudo as obras publicadas pela entidade nesse período, se procura analisar sob o ponto de vista da própria entidade sua participação nos projetos agro-reformistas latinos”.

Caroline Rippe de Mello Klein demonstra em “Poder e conhecimento como temas centrais: o papel do estado nas políticas econômicas de Walter Eucken e Friedrich August Von Hayek” como se manifesta nesses dois teóricos o “papel do Estado nas políticas econômicas, algo estudado na teoria ordoliberal alemã do pós-guerra que se manifesta nesses dois teóricos, para que num segundo momento se possa comparar ambos os estudos econômicos e suas respectivas propostas de ação”.

Em “Incongruencias y fábulas sobre la conquista de Hispania en 711”, Eduardo Escartín-González, Francisco Velasco-Morente, Luis González-Abril analisam os

pilares das narrativas sobre a história antiga do território español.

Este número contou com a inestimável colaboração de Stalin Gonzalo Herrera Revelo, Investigador Associado ao Instituto de Estudios Ecuatorianos e membro do GT Desarrollo Rural: Estudios Críticos. Stalin foi junto a mim, Leonardo Soares, um dos organizadores desse número.

Boa leitura a todas e todos!